

A tênue linha que divide o urbano e o ambiente natural: os animais invasores/invadidos¹

The fine line between urban and natural environment: the invaders/invaded animals

Rossano André Dal-Farra

RESUMO

A crescente urbanização ocorrida nos últimos anos e o incremento do desenvolvimento em muitas regiões do Brasil promoveram a diminuição das fronteiras entre a área urbana e o ambiente natural, fazendo com que alguns animais encontrados na interface entre estas áreas sejam caracterizados ora como invasores, ora como invadidos em seu hábitat. Em face disto, o objetivo deste texto é analisar as complexas representações destes seres através do exame de matérias jornalísticas veiculadas na mídia impressa entre 2001 e 2002 visando a fornecer subsídios para programas de Educação Ambiental.

Palavras-chave: animais, Educação Ambiental, urbanização.

ABSTRACT

The increasing urbanization during the last years, together with the growth of development in many regions in Brazil, caused the decrease of frontiers between urban and natural environments. As a result, some animals living on borderline areas are characterized, sometimes as intruders, other times as victims of invasion in their habitats. The purpose of this paper is, therefore, to analyze the complex representations of these beings through the examination of newspaper texts printed between 2001 and 2002 aiming to furnish subsidies for Ambiental Education's programs.

Key words: animals, Ambiental Education, urbanization.

Introdução

Vivemos imersos num mundo de tecnologia que nós mesmos construímos.

Sim, vivemos e convivemos em meio a antenas, fios, telefones, roupas da moda ou contra a moda, embalagens, alimentos, lentes de contato coloridas e mensagens ele-

Rossano André Dal-Farra é Professor e Pesquisador da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA/RS). Biólogo (ULBRA). Médico Veterinário (UFRGS). Mestre em Zootecnia – Melhoramento Genético Animal (UFRGS). Doutor em Educação (UFRGS). Endereço: Av. Guilherme Schell, 5448/1204 – Canoas/RS. E-mail: rossanodf@uol.com.br.

¹ Parte integrante da Tese de Doutorado do autor no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS em 2003, orientado por Rosa Maria Hessel Silveira. O presente artigo também se vincula ao Projeto Integrado de Pesquisa “Textos, discursos e identidades em educação”, apoiado pelo CNPq.

trônicas. Moramos encaixotados em tramas de ferros e concreto, dirigimos em alta velocidade, podemos voar, percorrer o globo em pouco tempo e sem exaustão, nos vendo inundados pelos objetos resultantes de elucubrações diversas da nossa mente.

De bandos de tribos caçadoras e coletoras que habitavam, em 8.000 a. C., um planeta inóspito e, digamos, belo, nos tornamos um ser hábil, capaz de modificar o ambiente em que vive, transformando os meios de vida definitivamente com a justificativa de uma vida melhor. Alteramos profundamente a paisagem terrena segundo nossas necessidades. Construimos o nosso mundo, construindo também o mundo de todas as espécies que coabitam conosco. Mas isto não é o bastante, pois ainda queremos mais.

No que se costuma chamar de terceira revolução industrial, criamos um mundo repleto de imagens profusas que nos interpelam a cada momento. Como se fossem hologramas envolvendo sons, textos e imagens, as mídias impressa e eletrônica veiculam valores e significados em suas mensagens que nos atingem diariamente. Somos inundados e atravessados por significados que giram instantaneamente sob nossos sentidos, interpelando-nos e produzindo identidades onde estivermos, em cada ponto de um mundo em que lugares distantes ficam cada vez mais fáceis de serem atingidos.

Neste processo, as transformações ocorridas no perímetro urbano nas últimas décadas trouxeram novas configurações para a interface deste espaço com as áreas naturais. E percorrendo esta tênue linha entre a natureza e a urbanidade, determinadas espécies de roedores, aves, insetos e até mesmo mexilhões e jacarés, deslizam entre a condição de urbano e a de selvagem, de útil e de inútil/perigoso, se situando no cambiante limite entre dois mundos cada vez mais interconectados. Desta forma, o objetivo deste texto consiste em analisar as representações destes animais

na cultura contemporânea através de matérias publicadas em jornais nos anos de 2001 e 2002, considerando os reflexos deste tema no âmbito da Educação Ambiental.

A polícia e a liberdade

Em meados de 1995, ao transitar pelas páginas policiais de um jornal gaúcho², encontrei uma notícia muito desagradável. Um desempregado havia sido levado ao presídio por ter cometido um crime, qual seja, criar oito filhotes de caturrita com o objetivo de vendê-los e assim obter recursos para si e para a sua família. Fatos como este nos permitem constatar a complexidade envolvida na questão ambiental no Brasil.

Mesmo que a ampla maioria das pessoas seja a favor de medidas rigorosas a respeito da preservação ambiental, torna-se difícil compreender a aplicação, de forma peremptória, de uma lei tão drástica a alguém que não deve ter tido condições de compreender a natureza e o significado de sua falta.

Ainda que pessoas ligadas a organizações de proteção ambiental digam que os crimes ecológicos devem ser punidos com o rigor da lei, e que se afirme, com respaldo legal, que o desconhecimento da lei não exime a culpabilidade de alguém por um ato, este episódio e suas justificativas permanecem nebulosos para mim.

Provavelmente, este cidadão entendesse que criar caturritas fosse o mesmo que criar periquitos, também psitacídeos, ou canários-belga e, também, soubesse que o Rio Grande do Sul possuía uma temporada de caça regulamentada no seu território.

Será que levar à prisão alguém responsável por uma ação como esta não seria uma atitude desproporcional às dificuldades que o nosso sistema penitenciário apresenta?

Talvez devêssemos proporcionar ao menos uma oportunidade às pessoas que

² Esta notícia foi veiculada em vários jornais da época.

cometem estes delitos, de que, primeiro conheçam o seu erro e, posteriormente, revejam a sua atitude, inclusive para que possamos legitimar ainda mais as ações destas importantes instituições de segurança pública e das organizações da sociedade civil no sentido de preservar o ambiente.

Nos últimos anos, houve um incremento das leis que regem e coíbem práticas tradicionais ligadas aos animais, condenando os hábitos arraigados de utilização de arapucas e estilingues que povoavam as brincadeiras infantis rurais e urbanas de décadas passadas.

Tais alterações configuram novas representações de animal alicerçadas pela maior tendência de cuidado com o ambiente, um tema muito presente nos noticiários televisivos e nos veículos de mídia impressa, como foi possível observar em matéria de página inteira publicada em um jornal com o título: “A polícia que serve para libertar”³.

A reportagem listava as atividades do setor responsável pelo controle e repressão da criação de animais nativos protegidos legalmente e que não podem ser mantidos em cativeiro.

Devidamente ilustrado com fotografias das espécies de aves mais comumente apreendidas, acompanhadas do nome popular e do nome científico, o texto apresentava, ainda, relatos das atividades do órgão, endossados por números relativos ao aumento do número de autuações nos últimos anos.

Em detrimento das práticas sociais alimentadas pelas narrativas antigas de captura de aves coloridas para serem “amansadas” e trazerem o seu canto para dentro das casas, como se fosse um “pedaço do campo” para os lares urbanos, a visibilidade de tais práticas na cultura urbana contemporânea submete este hábito à regulação social construída através da sensibilidade cres-

³ Jornal Zero Hora – Uma publicação do Grupo RBS de Porto Alegre/RS – 23/6/2002 – página 30.

cente frente ao bem estar animal e à conservação da natureza, representados na matéria pela veiculação de excertos da legislação pertinente à questão.

Segundo Thomas (1984, p.149) a defesa pró-animais, como as demais práticas sociais, acompanhou, em cada período, os matizes da época, estando entremeada a outros discursos na cultura moderna e contemporânea. No Ocidente, o discurso em favor dos direitos dos animais levou às legislações anticrueldade no século XIX, através da fundação da Sociedade para a Prevenção da Crueldade sobre os Animais em 1824 na Inglaterra, sendo retomado na segunda metade do século XX.

A partir de 1970, emergiu a maioria das organizações de direitos dos animais. Entretanto, muitas delas têm em comum apenas isto – a defesa dos animais – pois são caracterizadas por ações oriundas de diversas representações de animal (FRANKLIN, 1999, p.185). Para Tester (apud FRANKLIN, 1999, p.181), em suma, os direitos animais são uma construção social, algo propriamente humano, relacionado ao modo de o ser humano se comportar no mundo. E, quando construímos algo, isto parece ser natural, como se existisse de forma independente e com direito próprio, além da vida e da agenda própria. Assim como os direitos humanos foram uma construção iluminista, os direitos dos animais também cresceram associados a estes discursos de regulação das práticas sociais na construção de um ser humano “civilizado” e cômico de sua importância na construção de condições melhores para ele e para os animais.

Utilizando a abordagem de Elias⁴ sobre o processo civilizatório, Franklin (1999, p.17) acredita haver uma relação entre as

⁴ Norbert Elias, em sua obra “The Civilising Process”, aborda a história da Modernidade referindo-se a um gradual refinamento dos costumes baseado no aumento das limitações individuais resultantes da expansão das relações de dependência entre os segmentos da sociedade.

preocupações com a violência dos homens sobre outros homens com a gradual vigilância sobre o cuidado com os animais. Para Elias, antes do fortalecimento de estáveis Estados-nação, havia um favorecimento, na Idade Média, à banalização da violência e, através do processo civilizatório, houve uma tendência de conscientização social contra a mesma, refletindo-se na relação dos homens com os animais.

A propósito, a alusão ao caráter construído dos direitos humanos, assim como a sua vinculação ao “século das luzes”, bem como os direitos dos animais e a crescente sensibilidade com o seu bem estar no século XX, não se constituem em críticas a estes processos, servindo inclusive de respaldo às atividades de defesa de minorias representativas e ao intenso trabalho das organizações em defesa do meio ambiente na contemporaneidade. E este processo tem se expandido e cada vez está mais integrado às atividades realizadas no âmbito escolar.

As aves, as tartarugas e o jacaré

As notícias de apreensões e posterior libertação de animais foram freqüentes na mídia impressa regional⁵ no período compreendido pelas análises desse trabalho, como o caso de aves silvestres apreendidas em residências no perímetro urbano, visando à posterior readaptação ao ambiente.

A prática tradicional de capturar aves silvestres revela a continuidade entre o doméstico e o selvagem, fruto da consideração do animal como meio de diversão do ser humano, bem como do domínio deste sobre a natureza. O animal silvestre poderia, com esse olhar, se tornar animal de companhia, como um cão, ou um gato.

⁵ Pássaros silvestres ganham a liberdade – Jornal Diário de Canoas, uma publicação do Grupo Editorial Sinos da cidade de Novo Hamburgo/RS – 8/6/2001 – página 48 (contracapa).

Os cardeais, canários, tizius e outros pássaros relatados na reportagem, eram personagens assíduos das narrativas de brincadeiras infantis no cenário urbano em processo acelerado de urbanização da década de 70. No entanto, agora, isto era “caso de polícia”.

Era muito freqüente na época, a criação destas aves em gaiolas nas residências, bem como a armação de arapucas e também a utilização de “fundas” (estilingues) e armas de pressão para abatê-los.

Felizmente, os reflexos das novas representações de animal na contemporaneidade revestem tais práticas de um novo olhar, e as crianças urbanas das últimas décadas⁶, vivendo em meio às transformações da paisagem urbana, já entram em contato com estes significados ainda na pré-escola. Obviamente este processo não é homogêneo, entretanto, alvejar ou apreender pássaros silvestres já deixou de ser uma brincadeira infantil corriqueira.

Em outra reportagem de título “Jacaré ganha novo lar em Sapucaia⁷” há o relato da captura deste réptil que teria sido criado desde a tenra idade junto a cães, gatos, periquitos e tartarugas em uma residência do perímetro urbano da cidade de Canoas situada na região metropolitana de Porto Alegre. Segundo depoimentos de vizinhos, o animal transitava por toda a casa da moradora, recebendo até mesmo “comida na boca”. Os animais foram retirados da residência após o falecimento da moradora, que nutria um grande amor pelos animais, conforme relatos de moradores próximos ao local, e tinha, inclusive, o registro legal que permitia a criação deste animal de companhia peculiar.

O grau de “domesticabilidade” dos diferentes animais citados na matéria se traduz na facilidade/dificuldade de transferir

⁶ Como criança na década de 70, testemunha ocular de apreensões e caçadas a pássaros.

⁷ Jornal Diário de Canoas – 21/5/2002 – página 32 (contracapa).

los após a apreensão. Ao contrário das aves, dos cães, dos gatos e das tartarugas que foram doados a parentes e amigos, Hulk, o réptil com o nome de um personagem de ficção, teve de ser encaminhado ao zoológico localizado na cidade de Sapucaia, próxima ao local da captura do animal.

E nessa complicada relação, as representações de animais tão distintos como os citados nas referidas reportagens se entrecrocaram e se amalgamam nos discursos em relação a esses seres, tornando os textos da mídia polifonicamente constituídos, procurando abarcar os diferentes significados em questão. É claro que há justificativas amplas e bem fundamentadas para o controle e a regulamentação da criação de animais em cativeiro, coibindo práticas consideradas como abusivas, principalmente sobre as espécies nativas. No entanto, cabe ressaltar que o processo de regulação social em relação aos animais se encontra em constante construção, fruto da remodelação das representações de animal na cultura contemporânea, submetidas aos diferentes elementos de nossas vidas, mormente as peculiaridades das habitações urbanas nas novas configurações que as cidades têm adquirido nos últimos anos.

Ao analisar as matérias jornalísticas nesse trabalho é possível verificar como os diferentes significados atrelados à relação animal-ser humano aparecem nos textos midiáticos, muitas vezes de forma contraditória, sem que isso indique dificuldades de posicionamento ou má interpretação por parte dos autores que subscrevem as notícias, ou mesmo das linhas editoriais dos veículos de mídia impressa. As complexas representações de animal são características da contemporaneidade, transitando entre o que deve ser cuidado e o que deve ser eliminado, alimentadas pelos discursos que circulam no contexto cultural, com alguns destes animais sendo considerados como grandes ameaças à vida humana, como nos relatos de ataques a seres humanos por crocodilos na Flórida.

Para Beardsworth e Bryman (2001, p.85) é possível compor uma interessante analogia entre o binômio predador-presa e a relação animal-ser humano, com este último ocupando, por vezes, o papel de presa quando lida com feras selvagens no ambiente natural, e de predador nas atividades de caça. Nesse contexto, os animais selvagens são inseridos no discurso como sendo o “outro” do ser humano urbano, representação que se choca com o olhar mais sensível ao bem estar animal.

O que podemos evidenciar em tais análises é justamente a dificuldade que temos em lidar com a utilização de animais pelo ser humano frente à crescente sensibilidade em relação ao respeito com os animais, compondo um tema de múltiplos significados presentes nos textos midiáticos, como afirma apropriadamente Harvey em outro contexto:

A vida cultural é, pois, vista como uma série de textos em intersecção com outros textos, produzindo mais textos.[...] Esse entrelaçamento intertextual tem vida própria; o que quer que escrevamos transmite sentidos que não estavam ou possivelmente não podiam estar na nossa intenção, e as nossas palavras não podiam transmitir o que queremos dizer. É vão tentar dominar um texto, porque o perpétuo entretecer de textos e sentidos está fora de nosso controle; a linguagem opera através de nós. (HARVEY, 1992, p.53-54)

A “invasão” dos roedores

Nomear a natureza como “nossa casa”, para sermos antropomórficos no grau máximo, traduz representações significativas a respeito da inserção do ser humano no seu habitat, já que, dentro de nossa casa, temos objetos ao nosso dispor.

É possível afirmar, inclusive, que esse olhar sobre a natureza vem acompanhado

de conseqüências preocupantes, e que têm gerado regulamentações cada vez mais elaboradas para que possamos conviver harmonicamente com o ambiente natural.

O caso de um ratão-do-banhado apreendido numa casa na zona urbana de Canoas/RS foi alvo de matéria jornalística⁸ que relatava a atitude de um morador que decidiu preservá-lo, gerando uma polêmica entre os vizinhos, como atesta o comentário de um deles: “A vizinhança queria pegar e matar o ratão, pois dizem que a carne é muito saborosa”.

Esta curiosa cena urbana retrata a materialização do confronto de discursos ligados a práticas rurais de caça a animais silvestres para a obtenção de alimento, com o discurso de conservação da fauna silvestre muito freqüente em atividades de Educação Ambiental.

Embora não seja objeto de análise desse trabalho, o estudo de representações de animais nativos no ambiente urbano na mídia de décadas anteriores provavelmente traria caracterizações diferentes, considerando ser relativamente recente a inserção em massa do discurso de preocupação com a fauna nativa. O texto traz ainda, a relação do episódio com o crescimento urbano, já que o responsável pela matéria afirma “com os loteamentos de áreas verdes, eles [os ratões-do-banhado] acabam saindo do habitat natural e chegando às zonas residenciais”.

Os movimentos de defesa dos animais e as suas ações repercutidas pela mídia global permitem que as “novas” sensibilidades em relação aos animais cheguem até o âmbito regional. Assim como os discursos a favor do bem estar dos animais ganham força em meio a outros discursos referentes às práticas regionais tradicionais de apreensão de animais para domesticação e/ou consumo.

⁸ Ratão-do-banhado aparece no Guajuviras – Jornal Diário de Canoas – 26/6/2001 – página 40 (contracapa).

Morley (1998, p.94) assinala que as culturas regionais se misturam ao processo inverso de globalização em que as fronteiras geográficas nacionais são superadas pela publicidade, pelo marketing, com o seu fluxo transnacional de informação e cultura, criando-se, ao mesmo tempo, forças de homogeneização e de fragmentação.

Kellner (2001, p.32), analisando a construção dos textos midiáticos, afirma que o local, o nacional e o global, nos dias de hoje, articulam-se entre si. A própria mídia se constitui em campo de debates que os grupos sociais procuram utilizar para promover seus discursos, muitas vezes de maneira antagônica. Não apenas os noticiários, mas também o entretenimento e a ficção articulam conflitos, temores, esperanças e sonhos de indivíduos e grupos que enfrentam um mundo turbulento e incerto. Para o referido autor, os conflitos dos discursos são postos em cenas nos textos da mídia, que precisam repercutir as preocupações das pessoas.

Nesta profusão de imagens e sons a que estamos submetidos, a mídia representa um meio constante de veiculação de saberes e práticas, tornando-se difícil compartimentalizar nelas e em outras instâncias o aprendizado de práticas sociais (CURRAN, 1998, p.409).

A centralidade da cultura em relação à regulação social nas sociedades da modernidade tardia, como diz Hall (1997, p.35), faz com que aumente o controle sobre as práticas sociais e sobre as instituições. As práticas tradicionais que envolvem a crueldade contra os animais como a briga de galo, a farra do boi, entre outras passam a ser mais vigiadas e são drasticamente reduzidas mesmo em locais onde eram, há pouco tempo, consideradas como adequadas. Tais condições permitem que as organizações de defesa dos direitos dos animais possuam maior poder para veicular os seus discursos, com a disponibilidade da Internet e de outros meios para fazê-lo, permitindo-se cada vez mais a difusão

de “novas” representações de animal que se entremeiam na construção de programas de Educação Ambiental.

Ainda sobre roedores, outra reportagem analisada neste trabalho veicula a preocupação dos moradores da mesma cidade com a proliferação de ratos no perímetro urbano⁹.

A propósito, os animais que conseguiram se adaptar ao processo de urbanização se constituem, hoje, em grande preocupação para os moradores das cidades, para quem os mesmos representam “pragas” por serem fontes de veiculação de doenças. O texto analisado retrata tal preocupação através da dificuldade em eliminar os roedores: “Moradores acreditam que animais estão imunes ao veneno e apelam até para tiros de chumbo”.

Alimentado por narrativas históricas que colocam os ratos e os camundongos no centro de preocupações com a transmissão de doenças, o pavor a esses animais de alta prolificidade reafirma as representações dos mesmos como pragas urbanas à espreita de nossas habitações, traduzindo-se em relatos veementes de apelo para a sua destruição pelas autoridades sanitárias.

O fato do rato-do-banhado ser abrangido por discursos ligados à preservação ambiental, e ainda, por narrativas que o colocam como portador de uma carne saborosa, o livram do ataque de venenos, de tiros de chumbo, e de outros meios empregados para a eliminação dos seus parentes próximos, cujo impacto social no âmbito sanitário remetem a preocupações pertinentes ligadas à saúde do ser humano no cenário moderno e contemporâneo.

Para Descola (1998, p.24) a capacidade de identificação do ser humano com os não-humanos a partir do grau de proximidade destes com a nossa espécie, caracteriza o antropocentrismo como tendência importante das sensibilidades ecológi-

cas contemporâneas, inclusive entre os mais radicais anti-humanistas. Esse olhar, segundo o autor, está vinculado ao que se diz sobre a relação das culturas pré-modernas com o ambiente, como no caso de populações indígenas, por exemplo. O olhar contemporâneo se caracteriza ainda, por discursos que apresentam um tipo de demanda pela diferença baseada em uma atitude sentimental com os animais.

A demanda pela diferença consiste na tentativa do ser humano se aproximar daquilo que seria próprio à sua “natureza” e, mais do que isso, com o que somente os humanos poderiam fazer (FRANKLIN, 1999, p.26). Através destes atributos, o cuidado com os seres que habitam o planeta seria uma prerrogativa da nossa espécie, embora saibamos que a relação ser humano-animais no mundo contemporâneo seja multifacetada, como podemos observar por algumas atitudes frente às práticas sociais que os envolvem.

Algumas pessoas gostam de ir ao zoológico e de assistir programas na televisão que falam sobre animais, por acreditarem ser importante este olhar simpático aos animais como um componente adequado na educação das crianças. Tais pessoas comem carne e sustentam a necessidade de um uso limitado dos animais para experimentação científica, além de se preocuparem com as espécies em perigo de extinção. Há também aqueles aficionados pela caça, apreciando o contato com a natureza que esta atividade proporciona. Estes caçadores mantêm cães farejadores, nutrindo uma relação de grande proximidade com eles. Em outro extremo estão as pessoas que não têm animais de estimação, porque acreditam que isto as privaria da liberdade cotidiana, sendo algumas vegetarianas por acreditarem que os animais devam ser libertados das ações cruéis dos seres humanos (FRANKLIN, 1999, p.32).

As identidades que se edificam no nosso tempo vêm carregadas da responsabilidade que temos com a natureza, não apenas

⁹ Ratos assustam na rua Machadinho – Diário de Canoas – 12/11/2001 – página 5.

porque, como no ideal da Modernidade, ela pode nos ser útil, mas também, porque ela é vital para a nossa sobrevivência. Estes discursos presentes nas intenções dos diferentes programas de educação ambiental, nas ONGs, nos livros didáticos, na sala de aula, nas políticas de desenvolvimento estatal, nas regulamentações do lixo urbano e nos dispositivos de crescimento sustentado, entremeados com as crescentes alusões a respeito da necessidade de desenvolvimento e geração de empregos, produzindo identidades que ora estão juntas e ora são conflitantes na defesa do que consideram causas pelas quais lutar.

Mas como nos posicionamos frente a esta multiplicidade de representações?

Franklin (1999, p.98) lembra os argumentos de Giddens a respeito de identidade, conforme os quais cada indivíduo faz escolhas através de seus estilos de vida, ou seja, pelo conjunto mais ou menos integrado de práticas que segue, não somente porque tais práticas suprem as suas necessidades, mas porque elas dão suporte a uma narrativa particular de sua própria identidade.

Mexilhões e insetos

Entre invasores e invadidos, “pragas urbanas” e animais de companhia, alguns seres que convivem conosco trazem preocupações intensas quanto à sua presença no meio urbano, como anunciava uma matéria a respeito de mexilhões que estavam obstruindo as tubulações responsáveis pela captação de água na cidade de Porto Alegre, bem como em outros locais da América do Sul¹⁰.

Os relatos de problemas ocorridos com o molusco em outros países chamam a atenção para o seu controle imediato devido à dificuldade de lidar com o mesmo, referido no texto com o seu nome científico – *Limnoperna fortunei*.

¹⁰ Mexilhão que entope tubulações da capital avança pelo continente – Zero Hora – 1/12/2001 – página 38.

Submersos e longe do olhar do público, a multiplicação e a expansão dos mexilhões atinge um aspecto importante da vida urbana ao prejudicar o abastecimento de água da crescente população urbana, adquirindo, assim, um maior espaço midiático.

O texto da matéria remete ao estabelecimento de um rol de animais que, compondo dois grupos distintos, representados pelos animais que aceitamos e pelos que não aceitamos. Nós, seres urbanos, vivendo aglomerados em grandes cidades, criamos um “mundo” e as suas regras para a convivência “adequada” nele, conforme as necessidades que temos frente às demandas sociais que surgem a cada transformação na paisagem rural/urbana.

Deste modo, são estabelecidas as dicotomias que tanto alimentam as nossas estórias sobre os animais, como no caso dos insetos “úteis” e dos “perigosos”, cujas representações têm fortes traços deixados pelas narrativas que os associam à propagação de doenças. O Brasil apresenta em sua história inúmeros episódios que retratam o combate às endemias e epidemias transmitidas por eles.

Biografias de Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, entre outros, apresentam toda uma série de ações que as organizações brasileiras empregaram para o controle da malária, febre amarela, doença de chagas e dengue, cujo retorno, nos últimos anos, desencadeou uma série de medidas de controle com grande repercussão midiática.

Animais vilões do bem estar social como o mosquito, então, passaram da categoria de intoleráveis para o grupo dos extermináveis, sendo caçados vorazmente através das necessárias campanhas realizadas pelos órgãos públicos.

Informações relevantes para o controle dos insetos, incluindo os seus hábitos e a sua morfologia externa, são frequentes em textos midiáticos, junto a narrativas que veiculam a sua participação em epidemias no nosso país, fazendo crescer a aversão

(plenamente justificável) que nutrimos por eles, e que se estende a outros seres, como lacraias, escorpiões e aranhas.

Para Davey (2002) o medo associado às aranhas vem da aversão a seres tidos tradicionalmente como desagradáveis como as lesmas, os vermes e as larvas na cultura europeia. Entretanto, para algumas culturas da África, do Caribe e do Oriente as representações destes animais são diferentes, inclusive com alguns servindo de alimento.

Na cultura japonesa, por exemplo, a categoria denominada “mushi”, que inclui larvas, insetos e outros animais, está associada a práticas sociais altamente valorizadas, como o hábito de observar e ouvir os sons dos insetos, assim como a inclusão destes na dieta das pessoas, constituindo-se em um grupo de animais de papel importante no olhar dos japoneses sobre a natureza (LAURENT, 2002).

O paleontólogo Stephen Jay Gould (1993), no seu ensaio intitulado “A regra de ouro – uma escala adequada para nossa crise ambiental” da obra “Dedo Mindinho e seus vizinhos”, que aborda entre outros temas, a luta em defesa de animais “bonitinhos” e o desprezo pelos demais.

É fácil conseguir apoio e financiamento para preservação de animais fofinhos, aconchegantes e charmosos, mas não criaturas gosmentas, rastejantes ou simplesmente feias (p. 42). É assim [com] o panda gigante na verdade uma criatura tediosa e intratável, a despeito de sua boa aparência. (p. 42)

Animais como o panda e como a arara azul têm se tornado ícones de preservação ambiental, auxiliando positivamente ações em defesa do ambiente e das diferentes espécies que compõem a fauna e a flora. Entretanto, muitas vezes esquecemos que nesta biodiversidade os insetos ocupam um papel importante na manutenção do equilíbrio dos ecossistemas, julgamento que não exclui a preocupação com o controle dos

mesmos visando ao controle de doenças.

A matéria de um caderno semanal destinado à divulgação científica, com o título “O valor de um inseto” procura ressaltar o papel importante que esses seres podem desempenhar para o ambiente, incluindo o ser humano¹¹.

Nas páginas centrais do caderno, são apresentadas as utilidades dos insetos para a vida no planeta, apoiadas, conforme o objetivo da publicação, de pormenorizados argumentos de autoridade com especialistas discorrendo sobre o “mundo maravilhoso” que pode estar num minúsculo pedaço de terra, no qual “tradicionais vilões”, como mosquitos, aranhas, e outros seres tidos como “estranhos” e “desagradáveis”, como ácaros, centopéias e minhocas, circulam em meio à vegetação e por entre galerias construídas no solo.

Referendados pelo texto como amigos do ser humano, os insetos ganham atribuições de mérito por serem importantes ao equilíbrio ambiental e à produção agrícola, por gerarem produtos aplicados na indústria e mesmo por servirem de comida. As representações de animais na mídia apresentam múltiplas significações, mas guardam uma estreita relação com o olhar antropocêntrico, construído junto à sensibilidade pós-moderna de respeito aos direitos desses seres nas últimas décadas. E frente aos discursos a respeito dos invasores/invadidos veiculados pela mídia, nos posicionamos de acordo com aquilo que mais nos faz sentido, através da ressonância com nossos valores e com as narrativas que conhecemos a respeito dos animais, bem como através das representações destes nos locais nos quais crescemos e vivemos hoje. Desta forma, a construção de programas de Educação Ambiental deve ser problematizada levando em consideração as peculiaridades da vida de alguns animais nas interconexões entre o ambiente natural e o urbano.

¹¹ Jornal Zero Hora – 30/9/2002 – Caderno Eureka, capa e páginas 4 e 5.

Conclusões

As transformações ocorridas no cenário rural/urbano nas últimas décadas aproximaram nossas habitações dos ambientes naturais. Neste processo, alguns representantes da fauna parecem não ser nem tão urbanos como os animais domésticos e nem tão selvagens por estarem fora do nosso alcance.

Deslizando sobre a tênue linha divisória que separa estes ambientes, os invasores/invadidos são personagens de narrativas diversas, e por vezes, movidas por representações contraditórias, como se fossem animais trapezistas equilibrando-se no palco do “circo” urbano repleto de preocupações com o bem-estar do ser humano e dos animais, como podemos ver em frequentes matérias da mídia e que repercutem nos processos de Educação Ambiental.

Diante deste cenário, procuramos posicionar-nos ante o tema atravessados por discursos referentes à propagação de doenças, à preservação ambiental e também às atividades relacionadas com a caça esportiva. Deste modo, construímos uma “lista” de adorados e detestados, desejáveis e indesejáveis, tolerados e execrados, e por vezes nos vemos no impasse de atribuir significado a um personagem urbano/selvagem como o ratão-do-banhado, que aparece em nossas ruas em busca de algo que, talvez, já não exista mais.

Referências

BEARDSWORTH, A.; BRYMAN, A. The wild animal in late modernity. *Tourist studies*, v. 1, n. 1, 83-104, 2001.

CURRAN, J. El nuevo revisionismo en los estudios de comunicación: una revaluación. In: CURRAN, J.; MORLEY, D.; WALKERDINE, V. *Estudios culturales y Comunicación*. Barcelona: Paidós, 1998.

DAVEY, G. C. L. The “disgusting spider”: the role of disease and illness in the perpetuation of fear of spiders. Disponível em: <<http://psyeta.org/as/sa2.1/davey.html>>. Acesso em: 08 de maio de 2001.

DESCOLA, P. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. *Estudos de Antropologia Social*, v.4, n.1, p.23-46, abr., 1998.

FRANKLIN, A. *Animals & modern cultures – A sociology of Human-Animal Relations in Modernity*. London: Sage. 1999.

GOULD, S. J. *Dedo mindinho e seus vizinhos – ensaios de história natural*. São Paulo: Companhia das Letras. 1993.

HALL, S. A centralidade da cultura. *Revista Educação e Realidade*, v.22, n.2, p.15-46, jul./dez., 1997.

HARVEY, D. *Condição Pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola. 1992.

KELLNER, D. *A cultura da mídia*. Bauru: EDUSC. 2001.

LAURENT, E. *Definition and Cultural Representation of the Category Mushi in Japanese Culture*. Disponível em: <<http://www.psyeta.org/sa/sa3.1/laurent.html>>. Acesso em: 08 de maio de 2001.

MORLEY, D. *El posmodernismo: una guía básica*. In: CURRAN, J., MORLEY, D., WALKERDINE, V. *Estudios culturales y Comunicación*. Barcelona: Paidós, 1998. p.85-107.

THOMAS, K. *Man and the natural world – Changing attitudes in England 1500 – 1800*. London: Penguin Books. 1984.